

Enchendo os Olhos de Campo

Luiz Marengo

[Intro] Cm D7 G7 Cm D7 G7
Cm C7 Fm Cm G7 Cm

Manhazita de maio e notícias do céu desabam nas casa
Um angico nas brasas, consome sem pressa seu cerno de lei
O meu cusco ovelheiro fareja o suor da xerca estendida
Que descansa da lida e do lombo do baio, meu trono de rei

Outro ronco de mate quebrava o murmúrio das chuvas nas telhas
E o baeta vermelha, aberto em suas asas pingava no chão
Imitando um sol posto, largava de pouco luz a da janela
E empurrando a cancela um ventito minuano assobiava no oitão

Pelo olhar da janela a vista perdia-se pelo campo vasto
Verdejando o pasto, coxilha e canhada até a beira do rio
Um mangueirão grande, guardando um silêncio dormido de pedras
E uma estrada de léguas são parte da estória de alguém que partiu

(D7 G7 C G7 C C7 Fm Cm G7 Cm)
Partiram pra longe, feito tantos do campo, feito cantos dos meus
Que por conta de Deus e a procura de mais encilharam cavalos
E rumaram pra sempre, deixando o galpão, saudade e um mate
Pra depois n outro embate, pelear por sonho e talvez encontrá-lo

Hoje abro a janela e pergunto pro tempo: por onde andarão?
Os que aqui no galpão, cevaram amargos por conta da lida
Que estenderam seus ponchos, baetas vermelhas de almas lavadas
Onde em léguas de estradas, na calma das tropas prosearam a vida

G7

Só o silêncio das pedras e água da chuva que encharca a mangueira

C

E uma dor costumeira, saudosa do tempo, me fazem costado

C7

Fm

Cm

Vejo o angico nas cinzas e o cusco ovelheiro, deitado num canto

G#

D7 (G7)

G7 (Cm)

E encho os olhos de campo de água e saudade, lembrando o passado

Cm

Manhãzita de maio, manhãzita de maio